

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Humanas

Curso de Pedagogia

Paola de Oliveira Barreto

**TORY(SORRISO), URUXURÉA (CORUJA), FORÇA E
ALEGRIA: POR UMA EDUCAÇÃO QUE VALORIZE
OS SABERES DESQUALIFICADOS**

Rio de Janeiro

2008

PAOLA DE OLIVEIRA BARRETO

**TORY(SORRISO), URUXURÉA (CORUJA), FORÇA E
ALEGRIA: POR UMA EDUCAÇÃO QUE VALORIZE
OS SABERES DESQUALIFICADOS**

Monografia apresentada ao Curso de
Pedagogia da Universidade Federal do Rio de
Janeiro como pré-requisito para a obtenção do
grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora:
Prof^ª. Dr^ª. Maria Amélia Souza Reis

Rio de Janeiro

2008

PAOLA DE OLIVEIRA BARRETO

**TORY(SORRISO), URUXURÉA (CORUJA), FORÇA E
ALEGRIA: POR UMA EDUCAÇÃO QUE VALORIZE
OS SABERES DESQUALIFICADOS**

Monografia apresentada ao Curso de
Pedagogia da Universidade Federal do Rio
de Janeiro como pré-requisito para a obtenção
do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Aprovada em ____ / ____ / ____.

Banca Examinadora

Maria Amélia Souza Reis

UNIRIO

Janaina Specht da Silva Menezes

UNIRIO

Dayse Martins Hora

UNIRIO

Dedico esta monografia a todos os indígenas
que colaboraram para que este sonho pudesse
se realizar.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, que sempre esteve ao meu lado. Aquele que me ajudou a ingressar na universidade, me ajudou a superar todas as dificuldades e hoje está, com certeza, feliz por minha conquista.

A minha família. Aos meus pais, meus heróis, Lúcia e Nélio, que estiveram ao meu lado em todos os momentos, a quem agradeço pelo esforço e pela luta de nunca terem me deixado faltar nada, que muitas vezes abriram mão de coisas em prol deles para que hoje pudesse chegar onde cheguei. Ao meu irmão que tanto amo. E a minha tia e primos que me apoiaram. A minha família meu muito obrigado por estarem ao meu lado em mais esse passo importante que dou em minha vida.

Ao Anderson, meu companheiro, amigo, pelo seu apoio neste e em todos os momentos juntos.

A minha professora orientadora, Maria Amélia, que me acolheu assim que entrei na faculdade. Grande parte do meu desenvolvimento acadêmico devo a esta mulher que tanto aprendi a admirar por sua força, garra e luta. Foi através dela que pude conhecer a diversidade cultural e a importância do desenvolvimento da mesma. E a todos os professores, que me fizeram ter um novo olhar sobre educação e tantas outras coisas.

As tribos Guarani do Estado do Rio de Janeiro que permitiram e confiaram em nosso trabalho a ponto de deixar que adentrássemos em suas vidas, em seu cotidiano com o propósito de melhorar o nosso, por terem nos proporcionado um crescimento pessoal.

A todos os meus amigos. As minhas amigas que conheci na faculdade, Fernanda, Juliana, Camila, Paula, Roberta, Marina e Carolina, elas que compartilharam seus conhecimentos e suas vidas comigo, me ajudando no meu crescimento, dividindo trabalhos e sempre me incentivando a não desistir. Aos amigos, Anderson e Camila com quem pude dividir meus momentos de aflição e que souberam entender minha ausência em determinados momentos de suas vidas.

Nós precisamos funcionar como elo de comunicação, como ponte entre as culturas tão diferentes que nos pariram, criando um exemplo vivo de diálogo entre culturas, de interculturalidade.

José Ribamar Bessa Freire

RESUMO

Nos situamos em pleno século XXI e, ainda nos vemos atônitos frente aos espaços abismais que se colocam entre os avanços dos conhecimentos produzidos e o que se aprende e ensina em nossas escolas públicas. Apelos se colocam pela melhoria da qualificação docente, outros por melhores condições de trabalho. Entretanto, impossível deixar de refletir sobre a própria situação das ciências em seu conjunto e as contradições que nos são impostos face à evidente pluralidade e complexidade do conhecimento. Santos (2004) nos sugere voltarmos à capacidade de formularmos perguntas simples, às respostas simples que só as crianças e os grupos étnicos, considerados inoportunos conseguem nos oferecer. Assim, objetivamos recuperar o processo de ensinar e aprender, a partir dos saberes construídos pelas diferentes e plurais culturas que constituem o caldo formador da nossa brasilidade. Saberes diversos que se apartam do positivismo lógico ou empírico. Entendendo o conhecimento como uma construção sociocultural onde cada grupo étnico tem sua forma de entender o mundo, coube nesta monografia o trabalho de observar, descrever, analisar e sintetizar a forma e os como as crianças e jovens de diferentes culturas identificam e reconhecem alguns saberes com o propósito de desenvolver práticas educativas e um currículo em que os saberes em seu hibridismo possam inscrever uma nova forma de ensinar/aprender. Para tal fez-se necessário que vivenciássemos espaços culturais importantes: a aldeia indígena de Itaxi em Paraty-Mirim e a aldeia indígena de Sapukai em Bracuí, situados no interior do Estado do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Currículo, Ensino, Diferenças étnicas, Culturas.

ABSTRACT

We position ourselves in full century XXI and, we are still astonished in front of the abysmal spaces that are put between the advancements of the produced knowledges and that are learnt and taught in our public schools. Appeals are put by the improvement of the teaching qualification, others by better conditions of work. Meantime, impossible to stop reflecting on the situation itself of the sciences in his set and the contradictions that in healthy when face was imposed on the obvious plurality and complexity of the knowledge. Santos (2004) suggests us we return to the capacity of formulating simple questions, to the simple answers that only the children and the ethnic groups, considered inopportune get in offering. So, we aim to recover the process of teaching and learning, from to know when they were built by the different and plural cultures that constitute the forming broth of our brasilidade. To know much that separate of the logical or empirical positivism. Understanding the knowledge like a construction sociocultural where each ethnic group has his form of understanding the world, the work fitted this monograph of observing, describing, analysing and the children summarized the form and the comos and young persons of different cultures identify and recognize someone you know with the purpose of developing educative practices and a curriculum in which to know them in his hibridismo could register the new form of teaching / learning. Such Pará made to itself necessary that we were surviving cultural important spaces: the native village of Itaxi in Paraty-Mirim and the native village of Sapukai in Bracuí situated in the interior of the State of the Rio of January.

key words: Curriculum, Teaching, ethnic Differences, Cultures.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1-A GÊNESE DOS GUARANIS.....	13
2-CONHECENDO UM POUCO MAIS DA CULURA INDÍGENA.....	16
2.1 O Toré	16
2.2 Os Toantes.....	17
2.3 A arte indígena.....	17
2.4 Artesanato indígena Guarani Mbyá.....	18
2.5 A Importância da Religião no Cotidiano Guarani	20
2.6 O Cocar	21
2.7 Curiosidades: Línguas Indígenas	21
3-FOUCAULT E A ORDEM DO DISCURSO	23
4-A DIFERENÇA DAS ESCOLAS INDÍGENAS E DA ESCOLA DO JURUÁ	28
4.1 Formação dos Guarani Mbyá	28
4.2 A Escola que Temos e a Escola que Queremos	34
5-APLICAÇÃO DO LIVRO FEITA EM UMA DAS ESCOLAS TRABALHADAS: ESCOLA MUNICIPAL VEREADOR AMÉRICO DOS SANTOS E A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46

INTRODUÇÃO:

Durante a faculdade fizemos algumas visitas a outras comunidades, com diferentes costumes e hábitos dos nossos, dentre tantas visitas um grupo em particular me chamou bastante atenção, o grupo dos índios guaranis. Desde então comecei a desenvolver uma pesquisa com estes grupos – esta pesquisa trabalha com duas tribos específicas: a tribo de Itaxi em Paraty – Mirim e a aldeia de Sapukai em Angra dos Reis – conforme se intensificava o contato, aumentavam, também, os meus questionamentos a respeito da cultura daquele povo. Com o passar do tempo pude perceber que este povo tentava resistir bravamente à aculturação estimulando a utilização por todos da língua materna veiculados pela escola em língua guarani. Entretanto, numa conversa informal, percebi que em seus discursos sobre como entendiam a natureza, o surgimento da terra e do homem, suas histórias sobre a origem do mundo se confunde com a nossa – chamados por eles de Juruás.

Outro ponto que me chamou bastante atenção foi que toda sua cultura é passada oralmente, dos mais velhos para os mais novos para que a cultura também não se perca, entretanto os anciãos das aldeias pesquisadas não têm memórias sobre como eram suas vidas antes da invasão dos europeus.

Baseado no que foi dito acima, busquei através desta pesquisa, junto a essas duas tribos dar voz ao discurso das camadas populares, uma vez que estas têm um conhecimento vasto, um modo de ver e entender o mundo que muitas pessoas não conhecem. Entretanto, esse conhecimento científico não é legitimado, uma vez que as escolas se utilizam somente dos discursos dominantes para ensinar os conteúdos aos alunos.

É possível afirmar que o campo científico é um espaço de lutas na qual os cientistas buscam o monopólio da competência científica. Os conflitos, que ocorrem no e pelo domínio desse campo, ocorrem entre indivíduos que têm lugares socialmente prefixados e interessados em validar os seus discursos. Para Bourdieu, o campo científico é o espaço de uma competição na qual cada cientista almeja o monopólio da autoridade científica. Esta autoridade pode ser considerada como o espaço em que os cientistas lutam por fazer prevalecer sua capacidade técnica, reconhecida socialmente e de legitimidade incontestável de falar e agir em assuntos científicos.

Desse modo, esta monografia levanta questões que têm pertinência para que possamos entender um pouco de como funcionam os mecanismos de poder e de construção dos saberes nessas duas aldeias para que possamos trazê-los até as escolas convencionais e a partir daí desconstruir conceitos preconceituosos que têm sua permanência nos discursos escolares. Questionamos quais formas de aprender e ensinar são utilizados pelos diferentes grupos étnicos e raciais?

Esta pesquisa tem três objetivos a serem alcançados: (a) Contribuir para superação das lógicas que apontam para a idéia de saber/poder único, o discurso dominante que se faz presente nas salas de aula atualmente e acabam por desconsiderar as diferenças culturais, discriminando e desqualificando grupos sociais distintos; (b) investigar como esta cultura entendia as forças da natureza (surgimento da vida, saúde), como determinados mitos se constituíram e como se mantêm no mundo contemporâneo; (c) investigar nos saberes populares, desses grupos, a origem sociocultural dos mesmos de modo a funcionarem como pistas para a melhoria do trabalho pedagógico em algumas escolas públicas e de formação docente do Estado do Rio de Janeiro.

Como futura professora, certamente de camadas populares, compreendo que essa monografia se justifica pelo fato de contribuir para que nós futuros professores e professoras se desprendam de conteúdos a-históricos e sem significação social e cultural situados no campo das Ciências Naturais e que nos proporcionam um fluxo escolar não muito agradável nessa área do conhecimento, fazendo-nos refêns da memorização e pouca aprendizagem.

Vejo hoje, a importância dos docentes elaborarem em seus planos educativos considerando o currículo em sua transversalidade, entendendo o currículo como organização dos conhecimentos, inseridos em meio aos discursos proferidos, em que predominam regras de expressão e diferenciação, da qual os indivíduos devem regular e disciplinar a si próprios e aos outros. Entretanto, o que observo no campo é exatamente o contrário, é comum escutarmos perguntas como: *“Os índios usam flechas como armas? As aldeias já possuem algum tipo de alfabetização? As mulheres da tribo costumam amamentar animais? Os índios vestem-se de penas e tangas?”*. Com base nas perguntas destacadas – feitas por alunas do curso de formação de professoras do colégio normal Sara Kubitschek, pode-se afirmar que escolas normais e universidades vêm formando inúmeros docentes que nada sabem sobre a

cultura indígena e no lugar de fazerem algo para ampliar o conhecimento de seus alunos com relação a tal cultura, continuam cometendo o mesmo erro de tempos atrás, como por exemplo, o dia do índio que é considerado por estas comunidades como uma desvalia cultural, porém continuam a vestir as crianças de índio, com tangas, pinturas e cocar, sem saber o significado que determinado rito representa para esta comunidade. Desta forma os professores continuam propagando o que está escrito nos livros, que em sua maioria passam a imagem de que são ingênuos e uma comunidade desarticulada o que não é verdade.

Reconheço que incorporar as questões em debate, efetivamente ao cotidiano escolar requer pensar a educação em todas as suas dimensões, em toda sua complexidade. Afinal, como podemos ensinar uma coisa que não é do nosso conhecimento? Como podemos ensinar algo diferente se durante toda nossa educação escutamos as mesmas coisas que estamos ensinando agora? Por isso, a necessidade de pensar e construir uma escola diferente daquela que conhecemos, um outro espaço-tempo de conhecimento capaz de possibilitar uma convivência educadora de múltiplas e plurais formas.

Esta escola deverá se opor aos sistemas centrados de comunicação hierárquica e ligações pré-estabelecidas de funcionamento dos saberes humanos que cristalizam e engessam possibilidades.

Utilizamos a metodologia participativa como fundamento de nossas investigações/ações, ou seja, pesquisa de campo junto a tais comunidades para viver um pouco desta cultura e assim também usar métodos através de entrevistas informais. Realizamos ainda estudos sobre as teses de Michel Foucault sobre a força dos discursos dominantes sobre a maioria de nossas representações sociais e disciplinações dos corpos, estudos que muito nos ajudam a entender o discurso que nos é imposto e fazer um contraponto com o discurso dessas etnias que estão à margem.

A pesquisa bibliográfica trabalha também com um autor de grande importância: o Professor Bessa, este possui grande conhecimento nesta área e têm muitos trabalhos produzidos. Esses dois são os principais autores que norteiam o desenvolvimento de nossa pesquisa, porém utilizamos outros autores também, com o propósito de ampliar nossos conhecimentos e discussões a cerca do assunto.

1 A GÊNESE DOS GUARANIS

Para se falar do povo guarani é necessário que saiba que este é um povo nômade, que em sua longa trajetória percorreram muitos caminhos para chegar onde estão hoje. Os Guaranis acreditam que vieram do começo do mundo e andaram pela beirada do oceano com o propósito de encontrar o fim do mundo.

Na longa caminhada que este povo vem fazendo passaram por muitos lugares como: Argentina, Uruguai e Paraguai, sempre seguindo a beirada do oceano. Em todos esses lugares continuamente um pequeno grupo se desvincilhava dos outros e encontravam um lugar para construir sua comunidade. Afirmam que Ñanderú (como se referem ao seu Deus) pede para que eles sigam seus ensinamentos, assim eles fazem, então Ñanderú mostra através da iluminação uma terra sem males, a terra perfeita, onde eles batizam a terra, dão um nome e se instalam para viver.

Chegam ao Brasil os guaranis. Em lugar que atribuem o nome de Biguarãpy (Biguá) ficam por ali cerca de três anos, posteriormente saem para outros caminhos seguindo a iluminação de seu Deus, passam por morros e terras inférteis, nestes lugares não param.

Na caminhada que segue chegam a Itarentapy (Itariri), neste local muitos se alojam e fazem sua morada, porém boa parte da tribo ainda se encontra insatisfeita e continuam seu caminho até descobrirem Itanhae (Itanhaém). O índio Davi segue contando a descoberta até Paraty:

“Onde eles paravam as crianças já ficavam adultas, os meninos já sabiam tudo, então eles de novo andavam. Das pedras onde eles estavam (Itanhém), eles saíram de novo e continuaram seguindo à beira do oceano. Então, eles chegaram no lugar que agora já é chamado pelos brancos de Santos. Eles não pararam por lá, (alguns lugares eles só paravam para descansar). Onde eles foram parar mesmo, chamaram o lugar de Para (Parati), e mais para dentro do mato chamaram Para Miri (Parati Mirim). Nesse lugar verdadeiro existem as criações d Ñanderú”.¹

¹ GURANI, DAVI, M. da Silva. *Oguata Porá – A Caminhada à Beira do Oceano ou A Ocupação Mbya no Litoral*. In “Relatório Antropológico da Área Indígena Guarani do Sertão do Bracuí”. Maria Inês Ladeira Et alii

Conforme citado no relato a cima, em Parati Mirim muitos se estabelecem por achar que encontraram a terra perfeita, ali muitas das crianças viram adultos e neste momento decidem voltar atrás de seus parentes que ficaram para trás, outros, entretanto decidem avançar, vão para dentro dos matos até chegarem em Tangara (Angra dos Reis) e fundarem a Aldeia de Sapukai em Bracuí.

Os indígenas que não pararam em Bracuí prosseguiram até encontrar a “extremidade do mundo”. Este lugar foi chamado de Ara Kruxu (Aracruz – ES), nesse lugar eles pararam.

Os índios continuam sua caminhada. Porém, hoje a saída de certos lugares tem um motivo diferente, as causas geradoras são de ordens internas ou externas. Quando dizemos que a saída das terras se deu por motivo interno, as causas geradoras dessas saídas podem ser por morte, doenças, desentendimentos, etc. Enquanto as causas externas que derivam esta saída são pressões e disputas sobre a terra, tipo de ocupação do entorno e interferências no seu modo de vida. Mas como foi dito acima, tanto a chegada quanto a partida são vistas como revelações divina.

A história dos guaranis não estaria completa se não falasse da luta pela demarcação de suas terras, para que pudessem viver em paz. Apesar das pequenas áreas que se destinam a esses grupos, o reconhecimento das terras foi uma difícil marcha. Onde ocorreram processos judiciais como medida formal para regularizações fundiárias.

Depois que se estabeleceram, criaram suas comunidades, suas plantações, conseguiram se arrumar começou uma nova luta: contra a chegada do homem branco. Porém em 1982 chega a FUNAI trazendo consigo a estrada e casinhas de madeira para as famílias da região. Em 1987 chega a Bracuí o líder Sr João, que até hoje se encontra na liderança, e começa a luta pela demarcação de suas terras, este processo se arrasta por anos até que em 1993 concluem que para que estes ganhassem a terra, eles próprios, teriam que se organizar e demarcar a terra. Neste momento, os indígenas se mobilizam, inclusive chamam índios de outras tribos para ajudar nesta demarcação. Este processo se dá com a ajuda de alguns órgãos como CIMI – Conselho Indigenista Missionário que contou com o apoio da Prefeitura Municipal de Angra, a Assembléia Legislativa, meios de comunicação, entre outros. Somente em 1994 a demarcação física é validada e aceita pela FUNAI. Esta vitória desencadeou o mesmo processo nas aldeias de Paraty Mirim e de Araponga que também terminaram com êxito.

Após esta primeira conquista, os indígenas lutaram e conseguiram muitas outras vitórias, como educação, auto – sustentação, posto de saúde com atendimento médico regular através do convênio FUNAS/SUS.

O processo de demarcação para a aldeia de Parati Mirim foi basicamente o mesmo, contudo estes enfrentaram maiores dificuldades, pois é um local de fácil acesso, portanto, foi construída uma estrada passando por dentro das terras desse grupo, aumentando desta forma o contato desta tribo com os brancos. Além desses problemas surgem outros como a falta de peixes no rio.

É visível a luta desse grupo para não ceder à vontade do homem branco, para manter sua identidade étnica, sua cultura viva, mas mesmo com toda essa resistência, essa população precisa sobreviver, comprar alimentos e para tanto estão expostos a consumir as mesmas coisas que a sociedade Juruá está habituada a se alimentar, por isso é muito fácil encontrar dentro da tribo pacotes de biscoito, inclusive recheados, entre outras guloseimas. Ainda tem a problemática que devido ao pequeno número de condução destinada a Parati Mirim muitos dos índios que passam o dia na cidade muitas vezes não tem como voltar para casa, então estes passam as noites na rua, pedem esmolas o que desperta um olhar errôneo com relação a eles, pois muitos passam a enxergá-los como pobres e mendigos.

Hoje essas aldeias abrangem cerca de 500 índios. 360 pertencentes à Aldeia de Sapukai em Bracuí – Angra dos Reis e 140 na Aldeia de Itaxi em Parati Mirim.

2 CONHECENDO UM POUCO MAIS DA CULTURA INDÍGENA

Os rituais indígenas ocorrem por motivos de agradecimento, casamentos, batizados, celebrações solenes aos visitantes da tribo e personalidades importantes, ou mesmo para uma reivindicação às autoridades governamentais em benefícios para sua tribo. Para a realização destas manifestações, são utilizados diversos instrumentos, tais como: máscaras, totens, colares e até mesmo tinta para pintura facial. Também são celebrados diferentes rituais, pois cada tribo, de acordo com a região onde moram, ao grupo a que pertencem, tem costumes, culturas distintas.

Neste capítulo falaremos de algumas manifestações socioculturais de variados grupos indígenas, sem deixar de lado é claro o grupo que mais nos interessa: os Guaranis Mbyá. Estas manifestações se dão tanto como forma de divulgarem suas culturas como também de perpetuá-las dentro do próprio grupo em que estão inseridos.

2.1) O Toré

Este ritual é uma manifestação sociocultural comum a vários grupos indígenas das regiões Norte e Nordeste do Brasil.

É feito ao ar livre por homens e mulheres que dançam aos pares e formam um grande círculo que gira em torno do centro. Cada par ao acompanhar os movimentos gira em torno de si próprio, pisando fortemente o solo, marcando o ritmo da dança, acompanhado por maracás, gaitas, totens e amuletos e pelo coro de vozes dos dançarinos, que declamam versos de difícil compreensão, puxados pelo guia do grupo, no idioma da tribo.

Um ritual que expressa contentamento, sobre diferentes aspectos como: festas religiosas, louvação aos encantados, recepção a personalidades ilustres, confraternização, casamentos, batizados e outros. É uma forma de manter viva não apenas a cultura, a magia e a mística da tribo, mas também da conquista do seu espaço e a preservação de seus costumes e de sua identidade diante de muitas lutas durante toda a história do Brasil.

2.2) Os Toantes

São as músicas sagradas dos índios, cantadas durante os cerimoniais para invocar a presença de um ou mais seres religiosos. Possui uma alucinante monotonia que hipnotiza e empolga os participantes.

Existem diversos tipos de toantes: toantes das festas, que não possuem letra e os índios apenas emitem sons vocalizados; toantes particulares, que possuem letras e falam a respeito do encantado a que pertence e não pode ser assistido por estranhos; toantes de cura, um tipo de música utilizada pelos pajés benzedeiros, quando são solicitados para a cura de uma pessoa doente, executados durante os rituais para invocar a presença de um ou mais encantados, que tenham o poder de cura.

São cantadas pelos cantadores ou cantadeiras e dançadas pelos índios dançadores que usam máscaras, roupas e pinturas rituais. Estão presentes em todos os cerimoniais das tribos, sejam cerimoniais abertos, rituais fechados ou particulares.

2.3) A Arte Indígena

Muitas obras indígenas têm impactado a sensibilidade e/ou a curiosidade do “homem branco” desde o século XVI, época em que os europeus aportaram nas terras habitadas pelos ameríndios. Nesse período, objetos confeccionados por esses povos eram colecionados por reis e nobres como espécimes “raros” de culturas “exóticas” e “longínquas”.

Até hoje, uma certa concepção museológica dos artefatos indígenas continua a vigorar no senso comum. Para muitos, essas obras constituem “artesanato”, considerado uma arte menor, cujo artesanato apenas repete o mesmo padrão tradicional sem criar nada novo. Tal perspectiva desconsidera que a produção não paira acima do tempo e da dinâmica cultural. Ademais, a plasticidade das obras resulta da confluência de concepções e inquietações coletivas e individuais, apesar de não privilegiar este último aspecto, como ocorre na arte ocidental. Faz-se necessário dizer ainda, que essas obras de arte transcendem as peças exibidas nos museus e feiras (cuias, cestos, cabaças, redes, remos, flechas, bancos, máscaras,

esculturas, mantos, cocares...), uma vez que o corpo humano é pintado para a dança e a música, ou seja, para algum ritual que seja comum a cultura.

Confeccionados para uso cotidiano ou ritual, a produção de elementos decorativos não é indiscriminada, podendo haver restrições de acordo com categorias de sexo, idade e posição social. Como exemplo, pode-se citar um colar típico, de contas pretas e brancas. Ele é feito, com a kapi'i'a, que é conhecida como lágrima de nossa senhora e com uma sementinha pretinha. Este colar, é usado somente pelas lideranças na casa de reza, é um colar religioso e não pode ser vendido. É mais comprido, dá umas três ou quatro voltas e é cruzado no peito.

As formas de manipular pigmentos, plumas, fibras vegetais, argila, madeira, pedra e outros materiais conferem singularidade à produção ameríndia, diferenciando-a da arte ocidental, assim como da produção africana ou asiática. Entretanto, não se trata de uma “arte indígena”, e sim de “artes indígenas”, já que cada povo possui particularidades na sua maneira de se expressar e de conferir sentido às suas produções.

2.4) Artesanato Indígena Guarani Mbyá

Baseado no que foi dito acima, retenho-me agora aos grupos estudados, onde os Guaranis pré-coloniais se caracterizavam por uma expressiva variedade de desenhos geométricos aplicados em diferentes tipos de suporte: na pintura corporal, nos tecidos, nas máscaras, nas cestarias, nas esculturas em madeiras, mas, sobretudo na decoração de cerâmica.

Para os Guaranis Mbyá, os objetos específicos de sua cultura possuem um significado religioso como os objetos confeccionados que são utilizados na opy (casa de reza) para cerimônias religiosas, porém estes não têm o mesmo colorido, são trançados com fibra crua e não possuem ornamento. Embora o artesanato esteja, hoje, dissociado de seu uso original – pois grande parte do artesanato é destinada à venda, tornando-se importante fonte de subsistência, - os guaranis ainda preservam seus significados simbólicos.

A matéria-prima utilizada é, na maioria, proveniente de diferentes tipos de plantas da mata atlântica como: taquara, taquarinha, imbira, cipó vembepé, caxeta, angico (kurupa'y), embaúba (amba'y). Na área em que vivem no Rio de Janeiro, é muito difícil encontrar a matéria-prima para pigmentação dos objetos, por isso usam anilina para colorir as lâminas de taquara e as penas.

A cestaria diz respeito ao conhecimento tecnológico, à adaptação ecológica e à cosmologia, forma de concepção do mundo daquelas sociedades. O conjunto de objetos incorporados à vivência de uma determinada sociedade indígena expressa concretamente significados e concepções daquela sociedade, bem como a representa e a identifica. Enquanto arte, em cada peça produzida existe também uma preocupação estética, identificando o artesão que a produziu e aquela sociedade a qual pertence.

Para uso e conforto doméstico, podem-se citar os cestos-coadores, que se destinam a filtrarem líquidos; os cestos-tamises, que se destinam a peneirar a farinha e os cestos-recipientes, que se destinam a receber um conteúdo sólido ou armazená-lo, sendo também utilizados para a caça e a pesca, para o processamento da mandioca, para o transporte e para a guarda de objetos rituais, mágicos e lúdicos.

Os cestos cargueiros, como diz o nome, destinados ao transporte de cargas, apresentam uma alça para pendurar na testa e têm o formato paneiriforme, com base retangular e borda redonda. Em geral, esse cesto suporta até dez quilos de mandioca.

Em algumas sociedades indígenas, a confecção dos cestos é tarefa, exclusivamente, masculina e sua utilização, essencialmente, feminina. Em outras, sua execução e utilização são tarefa de ambos os sexos, como entre os Guaranis que vivem em Bracuí, município de Angra dos Reis no Rio de Janeiro. Os cestos-recipientes Guaranis são confeccionados de lasca de taquara previamente pintada, em trama cerrada, apresentando desenhos geométricos representativos de losangos. Em geral, apresenta as cores: verde, rosa, roxo, vermelho, amarelo e azul e possuem tampa. A venda desse tipo de artesanato, no acostamento da Estrada Rio-Santos, é uma importante fonte de renda para a sobrevivência das famílias Guarani.

O artesanato Guarani trabalhava originalmente quatro cores. O vermelho, tirado do urucum, o amarelo que vinha da planta que é conhecida como açafrão, que dá uma cor amarela, a cor preta do jenipapo e o tom cinza da mistura da cera de abelha e cinza de madeira. Atualmente, por causa da falta de material na aldeia, eles usam corantes artificiais.

2.5) A Importância da Religião no Cotidiano Guarani

A religião é um dos importantes fatores de identidade para os Mbyá. Dentro desse contexto cito a casa de reza, um espaço de extrema importância para os Guarani, este local é para eles com se fosse uma igreja para nós.

Em qualquer aldeia Guarani, a maior construção sempre é a casa de reza. Este espaço não possui janelas, apenas duas portas, uma voltada para o oeste, de frente para o pátio central e a outra para o leste, na direção do mar. O chão é de terra batida e o teto de folha de pindó. O mobiliário é constituído por alguns bancos, uma rede e uma fogueira. Sobre o funcionamento da casa de reza o autor BESSA relata:

"Nas três aldeias do Rio de Janeiro, a reza ou porahêi é realizada diariamente, todas as noites, durante os 365 dias do ano, de forma comunitária, contando com a participação de quase toda a aldeia. Começa por volta das 19 horas e vai até meia-noite, podendo algumas vezes estender-se até a manhã. O cacique toca maracá e dirige as rezas, acompanhadas de cantos e danças. Não existe nenhum grupo dentro da população brasileira que reze mais do que os Guarani." (BESSA, 2003 p.34)

Os Guarani são fiéis a sua religião, embora sempre recebam investidas de igrejas protestantes e católicas. De acordo com a antropóloga francesa Hélène Clastres para esse grupo a religião representa uma condição de sobrevivência, uma vez que esta ensina como viver com os outros, ensina a tolerância, a generosidade, a solidariedade e as estratégias de vida, todos esses fatores são marcantes para que possam viver em paz com os brancos, levando em consideração que os hábitos cada vez diferem mais, então a religião vem como base de reafirmação cultural, diferenciação étnica.

Sobre a importância da religião na vida do Guarani o vice cacique, Luis Eusébio resume bem o que pode acontecer:

“Se o Mbyá deixar a religião dele, a língua, vai começar a beber, faz baile, tem briga com parente, casa com branco e desaparece a nação, morre o índio.”
(BESSA, 2003, p.34).

Porém a casa de reza não é vista somente como um lugar para se orar, é também um espaço de interação, aonde as crianças vão para aprender, para ouvirem os mais velhos, principalmente, o pajé, o cacique. Na casa reza as crianças também podem aprender a tocar instrumentos e os cantos. Esses cantos são em sua maior parte cultos a Ñanderú, que são divulgados através do coral de crianças formado por cada tribo.

2.6) O Cocar

A disposição e as cores das penas do cocar não são aleatórias. Além de bonito, ele indica a posição de chefe dentro do grupo e simboliza a própria ordenação da vida em uma aldeia. Em forma de arco, uma grande roda a girar entre o presente e o passado. É uma lógica de manutenção e não de progresso. A aldeia também é disposta assim. Cada um tem seu lugar e sua função determinados.

O cocar pode ter diferentes cores, cada cor tem um significado, por exemplo, o cocar verde representa as matas, que protegem as aldeias e ao mesmo tempo é a morada dos mortos e dos seres sobrenaturais.

2.7) Curiosidades: Línguas Indígenas

Atualmente, mais de 180 línguas e dialetos são falados pelos povos indígenas no Brasil. Elas integram o acervo de quase seis mil línguas faladas no mundo contemporâneo. Antes da chegada dos portugueses, contudo, só no Brasil esse número devia ser próximo de mil. No processo de colonização, a língua Tupinambá, por ser a mais falada ao longo da costa atlântica, foi incorporada por grande parte dos colonos e missionários, sendo ensinada aos índios nas missões e reconhecida como Língua Geral. Até hoje, muitas palavras de origem

Tupi fazem parte do vocabulário dos brasileiros. Assim como o Tupi influenciou o português falado no Brasil, o contato entre os povos resulta que as línguas indígenas não existam isoladamente e estejam em constante modificação. Além de influências mútuas, as línguas guardam entre si origens comuns, integrando famílias lingüísticas, que, por sua vez, podem fazer parte de divisões mais englobantes, os troncos lingüísticos. Se as línguas não são isoladas, seus falantes tampouco. Há muitos povos e indivíduos indígenas que falam e/ou entendem mais de uma língua; e, não raro, dentro de uma mesma aldeia fala-se várias línguas (multilinguismo). Em meio a essa diversidade, apenas 11 línguas têm acima de cinco mil falantes: Baniwa, Guajajara, Kaingang, Kayapó, Makuxi, Sateré-mawé, Terena, Ticuna, Xavante, Yanomami e Guarani, esta sendo falada por uma população de aproximadamente 30 mil pessoas. Em contrapartida, cerca de 110 línguas contam com menos de 400 falantes. Conhecer esse extenso repertório tem sido um desafio, assim como mantê-lo vivo e atuante tem sido o objetivo de muitos projetos de educação escolar indígena.

3 FOUCAULT E A ORDEM DO DISCURSO

Foucault é considerado um pensador da modernidade, estudando o homem e suas relações nessa era. O pensamento foucaultiano não apresenta uma linearidade, pois há um interesse pelas ciências do homem sem rejeitar a metodologia das ciências naturais e da vida. Diz que existe uma terceira região que pode trabalhar a racionalidade (Ciências Humanas). Este grande pensador acredita que não existe progresso no pensamento, o que ocorre são deslocamentos e remanejamentos.

Os saberes de Foucault não se dão em determinada área somente, o autor procura sempre viver a realidade do outro, se preocupa em observar, analisar o grupo marginalizado para mais tarde dar voz a esses discursos que ficaram calados por tanto tempo. Porém para que isso aconteça é necessário que se analise e observe os dados que move o pensamento arqueológico, claro que sempre fazendo relação com as estruturas do conhecimento e aos acontecimentos históricos. É a partir deste pensamento que surge a arqueologia de Foucault, ou seja, o conhecimento se dá a partir de uma ruptura, cortes e julgamentos. Sobre a arqueologia Foucault a define:

“A arqueologia define e caracteriza um nível de análise no domínio dos fatos; a genealogia explica ou analisa no nível da arqueologia.” (FOUCAULT, apud MOREY, 1991, p. 16).

Na obra *A Ordem do Discurso*, o autor faz análises de diversos discursos da sociedade, que são guiados por uma lógica comum, que, por sua vez, não podem destoar do interesse das pessoas que detém o poder. Ele cita os três grandes sistemas de exclusão do discurso, que são: as palavras proibidas, a segregação da loucura e a vontade de verdade. Com base neste último discurso é que se abandona a verdade, e o autor afirma que nada diz respeito à verdade, ou seja, quando se trata do saber em relação ao homem, ele deixa o discurso vigente de lado, passa a negá-lo. É nesse sentido que se enfatiza a idéia de que o discurso sempre se produzirá em razão de relações de poder e claro sempre favorecendo as elites.

As práticas discursivas se dão de acordo com certo regime de verdade, o que significa que estamos sempre obedecendo a um conjunto de regras, dadas historicamente, e afirmando verdades de um tempo. As “coisas ditas”, portanto, são radicalmente amarradas às dinâmicas de poder e saber de seu tempo. Daí o conceito de prática discursiva, que para Foucault, não se

confunde com a mera expressão de idéias, pensamentos ou formulação de frases. Exercer uma prática discursiva significa falar segundo determinadas regras, e expor as relações que se dão dentro de um discurso. Sobre o discurso Foucault escreve o seguinte trecho:

“...gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. (...) não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os tornam irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse ‘mais’ que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever.” (FOUCAULT apud FISCHER, Rosa, 2001, p. 199).

Nesse sentido, o discurso ultrapassa a simples referência a “coisas”, existe para além da simples utilização de letras, palavras e frases, não pode ser entendido como um fenômeno de mera “expressão” de algo: apresenta regularidades intrínsecas a si mesmo, através das quais é possível definir uma rede conceitual que lhe é própria. É a esse “mais” que o autor se refere, sugerindo que seja descrito e apanhado a partir do próprio discurso, até porque as regras de formação dos conceitos, segundo Foucault, não residem na mentalidade nem na consciência dos indivíduos; pelo contrário, elas estão no próprio discurso e se impõem a todos aqueles que falam ou tentam falar dentro de um determinado campo discursivo (Foucault, 1986).

Segundo a autora Fischer² podemos considerar que ao analisarmos um discurso, mesmo que individual, estamos diante de uma descontinuidade, uma vez que o sujeito que fala não é o sujeito em si, pois, através deste outros ditos se dizem, por esse motivo pode-se dizer que este sujeito é ao mesmo tempo falante e falado. Sendo assim a autora continua dizendo que nossa construção, nosso eu seria absolutamente determinado de fora, dominado por um outro que o constitui, ou seja, o homem se torna sujeito da própria história, capaz de transformar o mundo a partir da tomada de consciência. Ainda contemplando este assunto a autora se coloca:

² Rosa Maria Bueno Fischer é uma autora que estuda a análise do discurso em educação baseada em Foucault

“...Foucault traça um caminho bem diferente para a compreensão do sujeito: afasta-se desse espaço em que se relacionam sujeitos individuais e invade o espaço de uma relação mais ampla, baseada na noção de dispersão do sujeito. (...) nos discursos sempre se fala de algum lugar, o qual não permanece idêntico: falo e, ao mesmo tempo, sou falado; enuncio individualmente, de forma concreta, constituindo-me provisoriamente um, ambicionando jamais cindir-me, porém a cada fala minha posiciono-me distintamente, porque estou falando ora de um lugar, ora de outro, e nesses lugares há interditos, lutas, modos de existir, dentro dos quais me situo, deixando-me ser falado e, ao mesmo tempo, afirmando de alguma forma minha integridade.” (FISCHER, 2001, p.208).

Para Foucault o sujeito se multiplica, pois deseja saber como é realizada sua relação com outros indivíduos no espaço ocupado por ele. Por isso deve se perguntar o lugar de onde fala, o lugar específico no interior de uma dada instituição, a fonte do discurso daquele falante, e sobre a sua efetiva posição de sujeito, suas ações concretas, como sujeito investigador e produtor de saberes. É assim que se desconstrói a idéia de discurso como expressão de algo, tradução de alguma coisa que estaria em outro lugar, talvez em um sujeito, algo que resiste à própria palavra.

Diversas posições e formas de subjetividade, portanto, podem ser lidas como efeitos de um campo enunciativo, desde que se descrevam as regularidades, as frequências, a distribuição dos elementos, em torno da pergunta sobre esse lugar vazio dos discursos, que é o sujeito dos enunciados. Desta forma o trabalho do pesquisador é importante para constituir unidades a partir dessa dispersão, mostrar como determinados enunciados aparecem e como se distribuem no interior de um certo conjunto, sabendo, em primeiro lugar, que a unidade não é dada pelo objeto de análise.

Foucault afirmou que os enunciados são povoados, em suas margens, de tantos outros enunciados, afirmou também a ação do interdiscurso, da luta dos diferentes campos de poder-saber, (re) afirmou a importância da análise arqueológica.

O enunciado marcado pelo conjunto de formulações que lhe conferem algum status, seja porque tem respaldo científico, seja porque a posição do sujeito enunciativo assim o constitui, deve ser descrito, justamente porque

“...[não há] enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja. [...] Não

há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências.” (idem p.24)

Segundo Foucault, formação discursiva entra simultaneamente em diversos campos de relações, e em cada lugar a posição que ocupa é diferente, dependendo do jogo de poderes em questão (Foucault, 1986). Portanto, se faz necessário considerar a interdiscursividade que significa deixar que cresçam as contradições, as diferenças, inclusive os apagamentos, os esquecimentos; enfim, significa deixar aparecer a heterogeneidade que subjaz todo discurso.

Estamos cercados por meios de comunicação que nos levam a essa heterogeneidade do discurso, dentre elas uma é muito importante, uma vez que, chega ao alcance de todos com muita facilidade: a mídia. Pois é ao mesmo tempo um lugar de onde várias instituições e sujeitos falam. Esta é usada como veículo de divulgação e circulação dos discursos considerados “verdadeiros” pela nossa sociedade, porém não deixando de se impor como criadora de um discurso próprio. Pode-se dizer que, nela, talvez mais do que em outros campos, há a marca da heterogeneidade de forma bastante acentuada. Poderíamos dizer ainda que hoje praticamente todos os discursos sofrem uma mediação ou um reprocessamento através dos meios de comunicação. Não só a mídia televisiva, mas outras talvez sejam tão importantes quanto essa, pois são usadas para formar cidadãos, para ensinar: os livros didáticos. Estes estão repletos de inverdades que são passados como “verdades absolutas”. Está em jogo, nessa pluridiscursividade do social, luta pela imposição de sentido, a luta entre vários discursos, na conquista de novos sujeitos. Na busca permanente da adesão de novos sujeitos, o discurso reprocessa enunciados de fontes variadas; porém, cada indivíduo pode ser sujeito de vários discursos.

Sendo assim, podemos concluir que estamos ocupados com os discursos produzidos e veiculados pelos meios de comunicação, temos um problema específico a tratar: independentemente do entendimento imediato dos textos por segmentos do público e da maior ou menor decodificação de frases ou imagens, o mais importante é compreender esses discursos no limite de seus efeitos, os quais poderão relacionar-se inclusive ao respeito com relação às diferenças do outro. Atingimos um tempo em que cada vez mais essa discursividade toma corpo, define-se, impõe-se como básica ao funcionamento geral da sociedade contemporânea. Talvez o que esteja faltando é descrever os limites, a configuração desse discurso, suas regularidades, que hoje se mostram bem mais visíveis.

O espaço discursivo tem por fim atingir um objetivo central: descrever os enunciados que nossa sociedade, nesses últimos anos, tem construído sobre as diferenças culturais. A suposição é que haveria uma espécie de fusão entre os valores. Mas, o mais importante a destacar é que, cada discurso é remetido por ele mesmo a tantos outros, os discursos incorporados pela mídia, a partir de outros campos. Ao entrarem na cena midiática, ao tomarem forma dentro desse campo específico da comunicação social, sofrem um tratamento que os retira de seu habitat e que, ao mesmo tempo, reforça a autoridade própria de cada um, pela importância que têm numa determinada formação social. Finalmente, caberia ainda dizer que o próprio recorte feito pelo pesquisador é também um fato de discurso e, como tal, introduz mais um dado que amplia e dinamiza o que por definição já é heterogêneo.

O tratamento segundo o qual os discursos são transformados e incorporados não deve ser visto de modo compacto, como se estivéssemos em busca de uma totalidade bem-acabada, definidora de uma dada discursividade; pelo contrário, é preciso considerar os diferentes momentos de enunciação e analisá-los criticamente como objetos vivos, pois haveria uma real impossibilidade de separar a interação dos discursos (interdiscursividade) do funcionamento intradiscursivo (isto é, a dinâmica dos enunciados dentro da mesma formação).

4 A DIFERENÇA DAS ESCOLAS INDÍGENAS E DA ESCOLA DO JURUÁ³

O ensino das Ciências Naturais é relativamente recente na escola fundamental, e tem sido praticado como a mera transmissão de informações, usando apenas o livro didático e a lousa. A partir de 1961, com a promulgação da LDB, o ensino de Ciências passa a ser obrigatório em todos os segmentos. A partir daí nasce a necessidade de desenvolver atividades práticas. Então, o discente começa a vivenciar o método científico, porém os docentes – seja por falta de conhecimento ou de informação – confundem metodologia científica com metodologia do ensino de Ciências Naturais. O conhecimento científico é aplicado, porém não tem uma finalidade prática, os alunos não têm uma vivência, os ensinamentos do professor se resumem ao livro didático e ao quadro. Enquanto para ensinar/aprender Ciências Naturais, se faz necessário, um intercâmbio cultural entre saberes pedagógicos que estão na nossa formação e o de diferentes grupos étnicos, para o discente compreender que cada grupo sociocultural tem sua forma de ver e entender o mundo.

4.1 Formação dos Guaranis Mbyas

Segundo a Constituição Federal datada do ano de 1988 está assegurado aos indígenas os direitos de: utilizar a língua materna no ensino obrigatório e desenvolver processos próprios de ensino/aprendizagem de acordo com seus costumes. Em 1991, a educação indígena deixa de ser atribuída a FUNAI e passa a ser responsabilidade do MEC. Em 1996, a educação indígena ganha um espaço na Lei de Diretrizes e Bases estabelecendo que a educação deste grupo étnico deverá proporcionar a recuperação das memórias históricas, reafirmação de suas identidades étnicas, valorização de sua língua e ciência. Deve ainda garantir aos demais o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional sejam elas indígenas ou não.

Embora a Constituição Federal e o MEC respeitem as tradições, o modo de ver o mundo destes grupos e uma escolarização específica, muitos problemas ainda tem que ser enfrentados, como lembra o autor BORGES (2000) em sua obra quando enfatiza a

³ Juruá – termo usado para caracterizar todos aqueles que não são índios, sejam eles negros ou brancos.

necessidade de formação de professores indígenas e a criação de material didático específico nas diversas áreas do conhecimento, como História, Matemática, Ciências Naturais e outras, embora alguns materiais já tenham sido produzidos – como o livro *Nhandere e reko ete'i py gua* (Nosso costume verdadeiro) organizado pelo grupo de Pesquisa da professora Maria Amélia e escrito e ilustrado pelos índios das tribos citadas e o livro *Ara reko – Memória e Temporalidade Guarani* organizado por Armando Barros e Renata Pinheiro e também escrito e ilustrado pelos próprios índios – visando esta carência. Visto que para recuperação das memórias e reafirmação de suas identidades étnicas é necessário que os professores sejam indígenas e utilizem metodologia e material elaborado de acordo com seus próprios referenciais culturais.

É importante ressaltar que alguns cursos são oferecidos para formação dos professores indígenas. Em 2003, os professores destas tribos começaram a fazer um curso para se formarem docentes e enfrentaram muitas dificuldades, hoje já estão para se formar. Quando vão para o curso estes se ausentam da tribo cerca de dois meses, pois as aulas se dão no Estado de Santa Catarina duas vezes ao ano que reuni tribos de todos os estados, porém a desistência vem aumentando cada vez mais como relata o índio Darcí (Tupã Kuaray – nome indígena): *“Eram 100, hoje são 70. Acho que muitos desistiram por causa da falta de apoio do governo. Porque para viajar a gente viaja com o nosso dinheiro, e se não tivesse dinheiro a gente não comia pela viagem.”*⁴

A formação dos professores é muito importante para a tribo, porém esta não é a única forma de se aprender sobre a cultura deste povo. As tribos Guaranis têm um grande respeito pelos mais velhos, esta valorização se dá por reconhecerem a sapiência dos idosos, reconhecerem a gama de conhecimentos que estes têm para passarem para os mais jovens. As aldeias não possuem livros de história para contar a trajetória indígena como nós. Toda a história guarani é passada de uma geração para outra através de conversas cotidianas, dos mais antigos com os mais jovens. *“Antigamente nossos avós e nossas avós levantavam bem cedo e se aqueciam junto ao fogo, contavam histórias, conversavam sobre todas as coisas da nossa vida..”*⁵ (BARROS, Armando; CASTRO, Renata, 2005, p. 57).

⁴ Entrevista cedida pelo indígena Darcí, até a presente época, pertencente a tribo Itaxi em Parati Mirim ao grupo de pesquisa da Professora Doutora Maria Amélia Reis em 27 de julho de 2007.

⁵ Depoimento de um indígena no livro *Ara Reko – Memória e Temporalidade Guarani*, organizado por Armando Martins Barros e Renata Pinheiro Castro escrito e ilustrado pelos índios.

É claro, que parte da história se perde, pois não tem um registro documental. Como afirma o autor BORGES (2000) que a reconstrução da história é baseada apenas em testemunhos, sem evidências documentais, assim as memórias são apagadas pelo esquecimento ou alteradas pela memória, um exemplo disso é que toda a colonização é lembrada por eles, porém não há uma lembrança de como era antes da chegada dos colonizadores.

O estudo das tribos começou no ano de 1985, que teve como precursor o professor Algemiro que baseado no que já tinha aprendido em uma escola no município de Paranaguá, Santa Catarina. De início as aulas eram dadas em português, este se utilizava de pouco material para dar as aulas. Inicialmente, não havia um espaço reservado a eles, o espaço utilizado para aprendizagem era debaixo e um pé de maracujá. Até que surgiu um projeto educativo diferenciado visando a importância de seus saberes e valorizando sua cultura: a Escola Guarani Kyringue Yvotyty.

No trecho que segue Algemiro conta um pouco de sua trajetória:

“Comecei a estudar com o pessoal do SIL, nós aprendíamos primeiro em guarani para depois começarmos a estudar o português. Também estudávamos bastante o evangelho, que era todo escrito em Guarani. Depois, quando já sabia um pouquinho de português fui para um colégio do estado e cursei até a quinta série. Nessa época, queria (os missionários do SIL) que eu fosse pastor e catequizasse outros guarani. Mas, com o tempo fui percebendo o que significava tudo aquilo, que poderia ser muito ruim para o nosso modo de ser, eu e meu pai percebemos e não fui pastor. Mais tarde, com o que eu já sabia, comecei a dar aula na aldeia de Paranaguá, mas dava aula em português. Em 1985 viemos para Sapukai, e aqui continuei a dar aulas. Com o tempo conhecemos a Eunice do Cimi que ajudou bastante a nossa escola. Hoje eu entendo o que acontecia na época que eu estudava em Paranaguá, e eu não quero que a nossa escola de Sapukai seja uma escola que prejudique o jeito. A nossa escola tem que falar de nossa história, de nossa língua e respeitar a nossa religião, e hoje eu acho que somente o professor indígena, o professor guarani é que pode dar aula em uma escola indígena.”⁶

⁶ BORGES, Paulo Humberto Porto. *Ymã, ano mil e quinhentos: relatos e memórias indígenas sobre a conquista*. Campinas, SP: Mercados de Letras, Paraná: Unipar, 2000. p.45.

As escolas guaranis foram criadas cada uma por sua respectiva comunidade, com o tempo estas passaram a ser reconhecidas pelo Estado. Enquanto pertencia à comunidade, a educação tinha um objetivo mais específico e era mais valorizada, a única língua que se falava era o guarani. Porém com a intervenção do Estado estas, como todas as outras, passaram a ter um currículo e um calendário, óbvio que diferente das escolas com as quais estamos acostumados, visto que para uma cultura diferente tem que haver um currículo e um calendário diferente.

As escolas guaranis atendem só o primeiro ciclo do ensino fundamental, ou seja, atendem somente até o quinto ano, antiga quarta série, porém estes vêm lutando para que o ensino se estenda até o nono ano. A escola guarani se divide em 4 ciclos.

O primeiro para crianças de quatro a seis anos que têm objetivos como: desenvolver a linguagem oral guarani, conhecer os parentes, conhecer a alimentação e os cuidados com a saúde e os remédios naturais.

O segundo ciclo vai dos sete aos nove anos e tem por objetivo conhecer a linguagem escrita guarani, desenhar e assinar o nome, conhecer o alfabeto escrito e falado em guarani, trabalhar com artesanato (madeira, bambu, cipó, penas de pássaro, ossos de animais), caçar e pescar.

A partir do terceiro ciclo, que compreende a idade de dez a doze anos, começa-se a dividir as disciplinas. A de línguas que tem o objetivo de construir frases em guarani/português, conhecer o alfabeto português, ampliar o conhecimento do vocabulário guarani, ler histórias e produzir textos. Em Matemática começam a aprender as operações básicas da disciplina, introduzir sistema monetário, trabalhar as unidades de medida como distância (metro), área (hectare), peso (quilograma), capacidade (litro). Na disciplina de Ciências Naturais aprendem a conhecer os alimentos (cuidados que se deve ter), o corpo humano e as funções de cada uma das suas partes, estudam os fenômenos da natureza, a classificação dos animais. As disciplinas de História e Geografia não se dissociam, são trabalhadas juntas e tem como conteúdo conhecer as áreas em torno da aldeia, conhecer as moradias, funcionamento das cidades, conhecerem a história da tribo Guarani (a origem, a trajetória, as lutas do povo da aldeia), organização social da comunidade.

O quarto e último ciclo é para as crianças acima dos doze anos. Estes também têm as suas disciplinas divididas, porém neste ciclo as disciplinas de História e Geografia já são dissociadas. A primeira tem por objetivo promover o conhecimento dos povos indígenas do Brasil, conhecer a organização social dos brancos, estudar a invasão do Brasil do ponto de vista do indígena, claro. A segunda estuda os mapas do município, estado e país, a produção local e estadual e conhecer as regiões brasileiras. Na disciplina de Línguas as crianças já desenvolvem a linguagem escrita em português/guarani, estudam as regras gramaticais português/guarani e desenvolvem a leitura em português/guarani. Acrescenta-se a este ciclo mais duas disciplinas: Educação Artística e Educação Física. Uma se retém a confecção e aprendizagem de instrumentos musicais, produção e manuseio de arco e flecha, artesanato e dança do Tondaro e Txondaria e a outra tem como aprendizagem a caça a animais como o tatu, macaco, porco do mato, macuco, periquito, tucano, maritaca.

Para o estudo das disciplinas de História e Geografia não se faz uso dos livros, os ensinamentos são passados oralmente, pois segundo os professores da tribo, os livros que são mandados para as escolas pelo MEC não refletem a realidade vivida por eles, diz respeito somente a vivência do homem branco, portanto não podem ser usado por eles. A disciplina de Ciências Naturais também é feita de uma forma diferente, uma vez que os professores andam pela floresta com as crianças para mostrar a parte dos alimentos, como se planta. Esta matéria é trabalhada diretamente com a natureza, assim como alguns conteúdos de História e Geografia, que podem ser vistos a cima.

O calendário escolar também é diferenciado porque os indígenas não param as aulas para natal, ano novo, carnaval e nenhum outro feriado que está presente no nosso calendário, pois não é compatível com sua cultura. Eles param somente 15 dias no mês de janeiro que é o período de batismo das crianças que nasceram ao longo do ano, vale lembrar que, esse batismo é quando o pajé da tribo tem a revelação do nome da criança por Ñhanderú⁷, então, o kunumy⁸ recebe o seu nome em guarani.

A forma que os Guaranis têm de preservar seus costumes, sua cultura começa pela preservação da língua, do idioma guarani, por esse motivo, as crianças são incentivadas a só

⁷ Nhanderu é o Deus do povo guarani

⁸ Kunumy significa criança

falarem em guarani dentro das tribos. Em tribos que ficam longe das cidades como a tribo de Sapukai, as crianças aprendem a falar o português um pouco mais tarde, porém crianças que tem contato direto com os brancos – devido ao fato de ir venderem artesanatos com as mães na cidade ou por algumas estradas já invadirem algumas reservas, como é o caso da tribo de Itaxi em Paraty Mirim – começam a entender o português e a falar mais cedo, por isso são tão estimuladas dentro da aldeia. Nessa perspectiva, também, se ensina muito pouco o português para que a língua e a cultura se fortaleça. Baseado nesse pensamento é que as crianças saem das aldeias tão tarde para ir cursarem as escolas do nosso sistema de ensino tão tarde. Como confirma o professor indígena Darcí:

“Estuda muito pouco o português porque queremos mesmo preservar a cultura, já que a tribo tem muito contato com o homem branco. Então o mais interessante é a preservação. E eu tenho medo porque nesse curso que a gente faz em Santa Catarina a gente vê muito índio guarani que não sabe falar mais. Eles se esqueceram porque tem muito contato com o homem branco. A gente tenta ajudar lá, mais é muito pouco tempo. A gente até mandou uns livros desses que a gente fez pra ver se ajudava.”⁹

É refletindo sobre a cultura que os professores, assim como as lideranças, têm urgência na produção de material didático na cultura deles, pois estes servem também de manutenção, apoio para a preservação da cultura, principalmente quando são feitos por eles.

Segundo depoimento do Sr. Miguel, líder da tribo de Itaxi, nunca se precisou saber escrever e nem ler português para que não se corresse o risco de acabar com sua cultura, entretanto, hoje em dia é necessário que as crianças aprendam, pois houve um grande avanço da comunicação entre os índios e os homens brancos, atualmente os indígenas são obrigados a saber ler e escrever para poderem negociar com os homens brancos e não serem passados para trás. Uma vez que estes têm que ler e assinar documentos constantemente e precisam saber ler para poder saber o que está dizendo determinado documento.

⁹ Entrevista cedida pelo indígena Darcí, até a presente época, pertencente a tribo Itaxi em Paraty Mirim ao grupo de pesquisa da Professora Doutora Maria Amélia Reis em 27 de julho de 2007.

4.2) A Escola que Temos e a Escola que Queremos

A escola que temos é um pouco diferente da que vimos acima. Não podemos desejar uma forma de ensino igual a que vemos nas comunidades guaranis, pois cada uma tem suas particularidades de ver e entender o mundo. As nossas crenças são outras, e embora a nossa história cruze com a destas etnias cada uma possui os seus costumes. Então não podemos adotar, aproveitar nenhum método que eles utilizam, certo? Errado. Nós temos muito que aprender, muito para aproveitar se realmente sonhamos com uma escola que respeite as diferenças, que respeite a cultura do outro.

As nossas escolas mudaram muito de uns anos para cá, contudo ainda há muito que mudar. A nossa forma de ensino não permite que as crianças vivam atividades variadas, não oferece a possibilidade de seus alunos poderem vivenciar uma realidade diferente. Tudo o que se aprende na escola é através dos livros, dos quadros de giz, do que a professora diz, que muitas vezes se torna uma verdade incontestável para os alunos. Não há a oportunidade de uma troca com outras culturas, onde o professor seja apenas o mediador, desta forma, acredito que a escola seria um espaço mais democrático, que aguçaria mais a curiosidade dos alunos, fazendo com que esses se tornassem investigadores.

Em vista desse pensamento faço menção a Celestin Freinet que desenvolveu práticas pedagógicas que hoje são muito usadas na rotina escolar, dentre elas uma merece destaque que são as aulas – passeio, que foram criadas, porque o autor em questão acreditava que *“o interesse da criança não estava na escola e sim fora dela, idealizou esta atividade com o objetivo de trazer motivação, ação e vida para a escola”*¹⁰. Através dessas práticas a escola proporciona ao discente a efetivação de um trabalho real, feito por ele, onde estes a partir de seus conhecimentos prévios, de suas investigações, encontram uma resposta na vivência que tiveram oportunidade de ter, muitas vezes saberes anteriores são desconstruídos. O professor funciona como mediador, sempre respeitando as descobertas.

Quando me refiro a uma metodologia diferente no processo de ensino – aprendizagem, a uma nova proposta para que conheçam diferentes culturas, não quero me restringir apenas a questão cultural e sim a muitas disciplinas que estão presentes no nosso currículo, por exemplo, quando falamos sobre plantas (Ciências Naturais), bairro (História/Geografia),

¹⁰ <http://paginas.terra.com.br/educacao/Freinet/fred.htm>

conhecer os funcionários da escola (História/Geografia), quilograma (Matemática), pode-se proporcionar uma atividade diferente como levar os alunos ao Jardim Botânico, dar uma volta pelo quarteirão da escola, pedir que de forma organizada façam entrevistas com os funcionários da escola, levá-los ao sacolão para comprarem algo ou trabalhar com uma receita, caso na escola haja uma cozinha disponível. Essas são atividades que estão ao alcance do professor que não esteja interessado em perpetuar conhecimentos mistificados que julgam ser reais, pode ser realizada por professores que periodicamente (re)avaliam suas práticas de ensino.

Se pararmos para pensar bem no currículo apresentado na escola indígena pode-se perceber que este é exatamente o método de ensino utilizado pelos professores indígenas, onde os docentes levam os alunos para conhecer a realidade que os cerca. Levam seus alunos para a mata, andam com seus alunos pela tribo, para conhecerem o espaço onde vivem.

Nas aulas de hoje, o conhecimento dos livros são perpetuados, muitas vezes sem ser questionados em momento algum. Um conhecimento que só interessa a elite ser passado da forma como é, para pessoas propagadoras desses discursos o importante mesmo é que nada seja pensado, discutido e muito menos desconstruído continuando a formar cidadãos bitolados. O interessante é continuar tratando o índio como um ser que usa tanga, arco e flecha, para qual o tempo não passa e sua sociedade não pode evoluir, caso contrário este deixará de ser índio. É continuar festejando o dia do índio vestindo crianças com cocares, sem ao menos se perguntar o porquê de haver um dia do índio. Será que este dia foi inventado por eles? Será que eles aprovam? Para muitos professores essas são perguntas irrelevantes, aliás, se quer se passa pela cabeça de muitos. Os conhecimentos que temos são apenas jogados e muito pouco discutidos, somente com o objetivo de o currículo ser cumprido.

Muitos pensadores atentam para a importância de se construir imediatamente uma escola formadora de cidadãos, que forme seres pensantes. Para tanto, primeiro é necessário que repensemos os profissionais que estamos formando e colocando dentro das salas de aula. Pois, sem a conscientização destes não há como ter uma formação mais voltada para o cidadão, uma vez que nem o professor tem ciência da importância da diversidade cultural. Sobre essa questão o autor BESSA (2003) questiona

“Por que não nos apropriamos, ainda, do legado que eles nos deixaram? O que é que nós sabemos sobre a história indígena, sem o qual não é possível explicar o Brasil contemporâneo? Por que não temos história indígena? Por que os próprios cursos universitários de História não têm a disciplina História Indígena nos seus currículos? (...) Nesse sentido, tentar compreender as sociedades indígenas não é apenas procurar conhecer o ‘outro’, o ‘diferente’, mais implica conduzir as indagações e reflexões sobre a própria sociedade em que vivemos.” (BESSA, 2003, P.30)

No entanto, constata-se que muito pouco foi feito para se conhecer a história indígena. A produção de conhecimento nesta área não condiz com a importância do tema. O resultado disso? A deformação do índio na escola, nos jornais, na televisão, enfim na sociedade brasileira.

5 APLICAÇÃO DO LIVRO FEITA EM UMA DAS ESCOLAS TRABALHADAS: ESCOLA MUNICIPAL VEREADOR AMÉRICO DOS SANTOS E A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO

Faz-se necessário lembrar, primeiramente, que o livro já foi aplicado em algumas escolas, entretanto, este processo de aplicação ainda encontra-se em andamento. As escolas em que houve a aplicação dos livros estão localizadas no subúrbio do Rio de Janeiro e na baixada fluminense. Em bairros com um alto índice de pobreza (segundo dados do IBGE) e recebe alunos que na sua maioria são moradores de comunidades carentes. Neste capítulo farei primeiramente uma mostra de como foi dada essa aplicação e após uma análise crítica sobre a importância da aplicação dos livros.

A aplicação se deu na Escola Municipal Vereador Américo dos Santos, localizada no município de Mesquita. A turma que corresponde a primeira série do ensino fundamental, segundo ano do primeiro ciclo, tem no total 25 alunos com idade variando entre 7 e 8 anos. Quando fomos aplicar o livro na escola planejamos uma atividade, onde em um primeiro momento, nos apresentamos à turma, dizendo nossos nomes e o motivo de nossa visita. Falamos um pouco do nosso projeto e de como trabalhávamos. Em seguida, convidamos os discentes para criação de uma tempestade de idéias, nesse momento, mostramos algumas fotos que mostravam o cotidiano de uma comunidade guarani, uma foto da casa de reza e alguns artesanatos feitos pelos índios como arco e flecha, cordão, brinco, entre outros materiais. Em seus grupos, cada um começou a fazer a leitura das figuras, falando sobre a impressão que tinham com o contato das imagens. Abaixo segue, apenas algumas das figuras mostradas aos discentes que julgo ser importante devido as colocações que foram feitas pelas crianças.

Figura 1



A figura mostra um grupo de mulheres da tribo de Sapukai vendendo artesanato em sua tribo em Angra dos Reis.

- “Lá tem muito verde.”
- “Os negócios que elas vendem são bonitos porque são muito coloridos.”

Figura 2



A foto mostra a casa de reza da aldeia de Itaxi localizada em Paraty Mirim. Gerou certa curiosidade por parte das crianças.

- “Porque essa casa não é de tijolo?”
- “Tia, não podia tirar foto por dentro não?”
- “Eles não sentem calor lá dentro não? Lá não tem janela!”

Figura 3



A parede da escola Guarani, esses desenhos são feitos pelas próprias crianças indígenas, essa foto foi tirada antes de a escola ser reformada.

- “Letra feia.”
- “Eu queria pintar na parede da minha escola também.”
- “Não entendi nada desses nome.”

Figura 4



Coral mirim da tribo de Sapucaí

- “Eles sempre andam assim?”
- “Que roupa feia!”

Primeiramente, explicamos o que aquelas mulheres estavam fazendo e que os índios das aldeias sobrevivem com dinheiro das vendas do artesanato, que na maioria dos dias descem para vender seus artesanatos para os turistas que freqüentam o município de Angra dos Reis. Na segunda figura falamos que aquele era o local que os índios iam para rezar pelos seus mortos, agradecer por tudo, que todos os dias eles freqüentavam a casa de reza num determinado horário do dia e que nós, juruás – todos aqueles que não são índios – não podemos entrar. A terceira gravura mostra um pouco da forma como as crianças aprendiam a escrever. E a última gravura se tratava do coral que algumas crianças da tribo participavam e usavam como meio de divulgação de seu trabalho e de sua cultura.

Após essa explicação sobre cada foto, mostramos para eles alguns objetos feitos pelos índios e lemos com eles o livro produzido pelo nosso grupo de pesquisa junto aos índios Guaranis. Depois dessa leitura as crianças queriam brincar com os utensílios que estavam a

Desenho 3



A menina que fez o desenho diz ter desenhado um índio por ter muita vontade de conhecer um e nunca ter visto um pessoalmente, só na televisão. Enfatizou ainda que agora sente vontade conhecer uma tribo inteira.

Desenho 4



Este menino desenhou um índio, uma oca, em uma noite na sua tribo quando passa um avião e todos os índios ficam assustados, este menino acredita que os indígenas nunca tenham visto um barulho de avião, portanto se assusta com o barulho que vem do céu.

Desenho 5



A autora do desenho relata que fez uma oca com o dia amanhecendo, diz que é um lugar muito puro e sem poluição, por isso de dia deve ser muito bom.

Desenho 6



A menina diz que desenhou uma índia fazendo uma dança em volta da fogueira perto de sua casa.

Depois de uma breve conversa com as professoras repensáveis pelas turmas onde os livros foram aplicados, percebemos que há nesses alunos um desconhecimento no que diz respeito à cultura indígena. Segundo as docentes muito desses pré-conceitos são originários do fato dos discentes não conhecerem a realidade cultural dos seus antepassados, seja ele negro ou índio, pois os mecanismos educacionais tentam de toda forma omiti-la. Durante nossa conversa informal em busca de informações sobre o público alvo, as professoras deixaram o tempo todo muito claro que um dos maiores problemas relacionados à identidade

étnico-racial não são solucionados devido à falta de preparação do corpo docente, por estes não saberem como trabalhar, como conscientizar seus alunos.

Com relação à cultura indígena, as professoras admitem que não conhecem a cultura em questão, mas reforçam a idéia de ter um dia do índio para caracterizar seus alunos com fantasias de índios, o que acaba por desqualificar a cultura tradicional dos mesmos, é necessário que haja uma mudança de comportamento educacional nesse sentido, mesmo reconhecendo que as mesmas precisem trabalhar educativamente produzindo a crítica, até aqui presente nos discursos escolares transmutados em valorização dos grupos em questão. Vemos isso acontecer com frequência, por nada saberem de suas realidades e repetirem discursos de poder que discriminam e reduzem os saberes dessas comunidades. Como uma docente que não tem base teórica e cultural para falar sobre esta cultura pode abordar esse tema nas salas de aula? E a formação dessa docente, existiu em sua vida de construção profissional alguma discussão ou conteúdo evidente do desejo institucional de transformar as coisas?

A situação é ainda pior quando se trata de um grupo de docentes que já está na rede de ensino a mais de 20 anos em média, pois essas dificilmente (re)pensam em suas práticas educativas ou em uma formação continuada para que possam mudar seus conceitos. Desse ponto de vista seria impossível de se contabilizar o número de alunos que já foram educados por essas professoras. Também, seria impossível de se contabilizar os danos feitos a identidade étnica desses alunos.

Não venho culpar os professores que estão nas escolas de nível fundamental, o problema está na formação dos professores, tanto na universidade quanto nas escolas normais, que formam com displicência milhares de professores (pudemos observar a formação que essas futuras professoras estão tendo a partir das perguntas que foram feitas na página 11 deste trabalho).

Nas universidades brasileiras o que tem valor é o saber acadêmico que é feito pelos intelectuais do exterior, os saberes populares e milenares acabam sendo deixados de lado e dito como pertencentes ao senso comum. Como afirma o autor no trecho que segue:

"As ciências indígenas também foram tratadas de forma preconceituosa pela sociedade brasileira. Os conhecimentos indígenas foram desprezados e ridicularizados, como se fossem a negação de ciência e da objetividade. (...) Esses conhecimentos, no entanto, não foram apropriados pela atual sociedade brasileira, por causa da nossa ignorância, do nosso despreparo e do nosso desprezo em relação aos saberes indígenas os quais desconhecemos. O preconceito não nos tem permitido usufruir desse legado cultural acumulado durante milênios." (BESSA, 2003, p. 35-36)

Portanto, pode-se concluir que a aplicação desses livros se faz cada vez mais necessária juntamente com palestras para que os professores e futuros professores fiquem mais cientes de sua importância e de seu papel dentro de sala de aula, uma vez que estes têm repassado por anos uma cultura que não se adequa ao verdadeiro modo de vida que os índios levam, passam uma idéia de que estes são ingênuos, criam-se mitos acerca desses grupos. Entretanto estes são grupos muito bem organizados, lutadores por estarem tentando e estarem conseguindo manter sua cultura viva mesmo após tantos anos de contato com o homem branco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O saber popular sobre a natureza e a saúde compõe um sistema de classificação, com normas e valores específicos. As dicotomias existem nos modos de compreender a relação saber e natureza; corpo e saúde; como o que é científico e o que não é ciência. Algumas pessoas já identificam valores nos assim chamados por Michel Foucault de saberes desqualificados, - os saberes das pessoas comuns, saberes sem legitimação-, outras pessoas desprovidas de saberes críticos transportam para as salas de aula o conhecimento científico produzido em laboratórios como verdades absolutas e incontestáveis, excluindo de suas programações os saberes produzidos nas diferentes culturas que formam o caldo cultural de nossa brasilidade e passamos a ter como respostas educativas a memorização e o silenciamento dos conteúdos vivos das experiências de vida, fazendo desta forma, com que as crianças que serão os homens do futuro permaneçam perpetuando saberes errôneos acerca dessas etnias, pois também não teram a oportunidade de vivenciar uma realidade diferente.

Portanto, o desenvolvimento desta monografia foi fundamental, uma vez que mostrou a importância da diversidade na formação do professor e o quanto esses grupos têm a nos ensinar, não somente no que diz respeito a escola, mais também sobre a cidadania, povos que lutam pelos seus ideais e é por isso que eles têm resistido a 500 anos de massacre. Antes um massacre cheio de mortes e a vista de todos, mas agora um massacre dissimulado, onde tentam aos poucos acabar com a cultura que lhes resta. Por isso, quanto mais me aprofundava nesta pesquisa, mais sentia a necessidade de conhecer melhor e a importância do respeito as características culturais que diferenciam os saberes e as relações de poder dos grupos sem impor restrições e sempre procurando manter viva essa cultura entre nós.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BILLOUET, Pierre. **Figuras do saber: Foucault**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003. 220p.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 10 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004. 79 p.

CONDURU, Roberto; SIQUEIRA, Vera Beatriz (org.). **Políticas Públicas de Cultura do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UERJ, Rede Sirius: FAPERJ, 2003. 169 p.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino. **Metamorfoses Indígenas: Identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003. 301 p.

GUARANI, Davi M. da Silva. **Oguata Porá – A Caminhada à Beira do Oceano ou A ocupação Mbya no Litoral**. In: “Relatório Antropológico da Área Indígena Guarani do Sertão do Bracuí”. Maria Inês Ladeira Et alii

BORGES, Paulo Humberto Porto. **Ymã, ano mil e quinhentos: relatos e memórias indígenas sobre a conquista**. Campinas, SP: Mercados de Letras, Paraná: Unipar, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

FISCHER, R.M.B. **Cadernos de Pesquisa: Foucault E A Análise Do Discurso Em Educação**. Porto Alegre, 2001, 197 – 222 p.

<<http://paginas.terra.com.br/educacao/Freinet/fred.htm>> Acesso em: 25 nov. 2008.

<http://www.museudoindio.org.br/pesquisa_escolar> Acesso em: 18 nov. 2008.

BARROS, Armando Martins; CASTRO, Renata Pinheiro (org.). **Ara reko: Memória e Tempo Guarani**. 2 ed. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2005, 125p.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Michel_Foucault > Acesso em: 20 de nov. 2008.

MURILLO, Luis Felipe Rosado. **A ordem do Discurso de Michel Foucault**. De 10 de maio de 2004. Disponível em: <http://www.discurso.ufrgs.br/article.php3?id_article=8> Acesso em: 20 de nov. 2008.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

Aluna: Paola de Oliveira Barreto

Título: Tory (sorriso), Uruxurá (coruja), força e alegria: por uma educação que valorize os saberes desqualificados

Orientador: Prof. Maria Amélia de Souza Reis

Primeiro Avaliador

Professor convidado: Dayse Hora

Nota: 10 (dez)

Considerações:

A monografia apresenta fundamentação teórica e metodológica bem elaborada. Discute a relação saber-poder, destacando a marginalização de determinados saberes, no caso os saberes dos indígenas, mas que pode ser cotejado para outros saberes populares também desconsiderados nos currículos praticados no cotidiano escolar de uma maneira em geral. Serve de base para discussão nos espaços acadêmicos sobre outras práticas educativas possíveis de serem realizadas nas escolas com o objetivo de resgatar as diferenças culturais deste país.

É também um trabalho de investigação fruto da atividade de extensão.

Trabalho monográfico aprovado com nota 10 (dez).

Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 2008.

Dayse Martins Hora

*Passou em nomeado por e-mail
o diretor da escola, em 29/12/08*

Janaína
Pro^a Janaína Specht da Silva Menezes
Diretora da Escola de Educação
ECC-UNIRIO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

2º Avaliador

AVALIAÇÃO DE MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

Sob o título

Tory (sorriso), Guaya (arara), Uruxurá (coruja), Força e Alegria: a Genealogia dos
saberes sobre a Natureza na etnia Guarani

por

Paola de Oliveira Barreto

Paola foi bolsista de extensão e pesquisa. Primeiramente voluntária em extensão universitária, logo depois bolsista de extensão para finalmente pelo trabalho com os índios guaranis a que nos dedicávamos tornou-se Bolsista IC/UNIRIO e a seguir bolsista IC/FAPERJ, concluindo seu tempo com ótima avaliação.

Dedicada e atenta às suas pesquisas formou um quadro de referências sobre o cotidiano indígena guarani da etnia Mybiá com os quais trabalhamos contribuindo para que muitos de seus colegas pudessem apresentar trabalhos em Congressos e Seminários nacionais e internacionais para os quais muitas vezes participava apresentando com sucesso seus resultados. Infelizmente por motivos pessoais abandonou nosso grupo por necessitar trabalhar, não abandonando, porém, seu interesse em continuar a pesquisar e realizar trabalhos junto aos índios guaranis.

Sua monografia de final de curso requer ressalvas e algumas correções metodológicas, fato que se explica por sua ausência prolongada longe das discussões e estudos do grupo, no entanto, traz questão de importância capital para os rumos da educação diferenciada em nosso estado, carrega em si boa articulação teoria e prática e boa discussão teórica.

Pelo exposto minha nota é 8,0 (oito) pelo trabalho apresentado e pelas experiências antes colhidas.

Iguataporã Paola, como nos diz a palavra guarani que muito a comoveu: *boa sorte em sua caminhada*

Maria Amélia de Souza Reis
Profª Adjunto III
Coordenadora NIESC/PROETNO

Parece encaminhado por e-mail 'o direç do escole. Em 29/02/02

Janaís

Proª Janaina Specht da Silva Menezes
Diretora de Escola de Educação
OCH UNIRIO

3ª Avaliada: Prof. coordenadora de disciplina → Janeiro S S Menge.

O texto atende a maioria das exigências selecionadas
e a elaboração de um trabalho acadêmico-científico.

Nota: 9,0

Janeiro S S Menge

$$\text{Média} = \frac{10 + 8,0 + 9,0}{3} = \underline{\underline{9,0}}$$